

A Geração de 1870 e o Brasil: alguns ângulos e percursos

ELZA MINÉ
Universidade de São Paulo

RESUMO: O PRESENTE TRABALHO ANALISA O INTENSO TRÂNSITO DE RELAÇÕES LITERÁRIAS E INTELECTUAIS ENTRE PORTUGUESES E BRASILEIROS NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX, DESTACANDO A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DESSES ESCRITORES E A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA PARA A CONSIDERAÇÃO DE CERTAS IMAGENS DO BRASIL INSCRITAS EM SEUS TEXTOS.

ABSTRACT: THIS ARTICLE ANALYZES THE INTENSE TRAFFIC OF INTELLECTUAL AND LITERARY RELATIONS BETWEEN PORTUGUESE AND BRAZILIAN WRITERS IN THE LATE 19TH CENTURY, EMPHASIZING THEIR JOURNALISTIC PRODUCTION AND THE IMPORTANCE OF THE PRESS FOR THE CONSIDERATION OF CERTAIN IMAGES OF BRAZIL INSCRIBED WITHIN THEIR TEXTS.

PALAVRAS-CHAVE: GERAÇÃO DE 1870 – EÇA DE QUEIRÓS – IMPRENSA E LITERATURA – RELAÇÕES BRASIL-PORTUGAL

KEY-WORDS: THE GENERATION OF 1870 – EÇA DE QUEIRÓS – PRESS AND LITERATURE – RELATIONS BRAZIL-PORTUGAL

Guardadas as diferenças individuais, as relações da geração de 1870 com o Brasil podem ser consideradas de vários ângulos, tais como: o da imprensa periódica brasileira, dada a expressiva participação que nela tiveram alguns de seus integrantes; o das revistas ilustradas para circulação no Brasil e em Portugal editadas na época; o das relações de amizade mantidas entre intelectuais e escritores dos dois países, por meio do recurso a testemunhos e ao estudo da correspondência particular mantida entre portugueses e destes com amigos brasileiros.

Qualquer desses enfoques nos permite, sem dúvida, encontrar indícios de como os integrantes da Geração de 1870 pensaram, perceberam e se ligaram ao Brasil. Completam-se, ainda, pela consideração das imagens de nosso país que se inscrevem na própria produção jornalística de seus integrantes como correspondentes para o Brasil, ou em obras de viajantes-narradores.

Embora não nos proponhamos agora a percorrer esse caminho, é importante lembrar que Oliveira Martins, com *O Brasil e as Colônias Portuguesas* (1880), nos ofereceria uma outra faceta importante, a da visão de historiador, e que uma caracterização crítica e galhofeira do país e dos brasileiros, via caricatura, viria de Raphael Bordallo Pinheiro, por meio das páginas de *Apontamentos sobre a picaresca viagem do Imperador de Rasilb pela Europa* (Lisboa, 1872), e de sua colaboração em *O Mosquito* (1875-1877) e nos jornais por ele fundados: *Psit!!!* (setembro a novembro de 1877) e *O Besouro* (abril de 1878 a março de 1879), quando viveu no Rio de Janeiro, com participação ativa no jornalismo brasileiro.

Antes de passarmos para a imprensa brasileira, consideremos a seção permanente “Portugal e Brasil” – de responsabilidade de Oliveira Martins – na publicação emblemática da geração de 1870 portuguesa, a *Revista Ocidental* (1875), dirigida por Antero de Quental e Jaime Batalha Reis (tomos I e II). Observa-se então, claramente, que embora o foco seja Portugal, a presença do Brasil ali também se inscreve, ainda que lateralmente, ou mesmo de forma “longínqua”, tudo sendo analisado enquanto desdobramento, ou reflexo, do que ocorre em Portugal, notadamente em termos do sempre lamentado atraso. A *Revista Ocidental* traz, ainda, um longo artigo do espanhol Rafael de Labra, “El Brasil” (ano 1, v. 1 (6), 30 abr. 1875, p. 641-660), que interessa enquanto uma avaliação geral do país.

No que diz respeito, então, à imprensa periódica brasileira, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, logo após seu pedido de demissão do Ministério da

Fazenda, embarcou para a Inglaterra para umas “semanas de ar”, donde escreveu para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, no último trimestre de 1892, uma série de cartas reunidas em livro já em 1893 (revistas e ampliadas, segundo declaração constante do prefácio autógrafa), com o título de *A Inglaterra de hoje*. Mas será para a *Gazeta de Notícias*, também do Rio, que Oliveira Martins fará os balanços dos anos 1886 a 1888 e 1890, relativamente à Europa.

Um dos mais importantes jornais brasileiros no último quartel do século XIX, a *Gazeta de Notícias* primou pelo apoio a toda uma geração literária e artística nacional, abrindo-se, também, à participação de intelectuais e escritores portugueses, o que a torna, inclusive, um espaço privilegiado para o estudo das relações literárias Brasil/Portugal nesse período.

Em 1880, Guilherme de Azevedo, o poeta de *Alma Nova*, mudou-se para Paris, para ali desempenhar as funções de correspondente da *Gazeta de Notícias*, cargo em que permanece até 1882. Por essa altura, Eça ali começava a publicar as suas *Cartas de Inglaterra*. Valentim Magalhães, Machado de Assis e Domício da Gama eram alguns dos brasileiros que então também assinavam colaborações para aquela folha do Rio de Janeiro. Da França, Guilherme de Azevedo enviou para o Rio 28 “Cartas de Paris”, oito “Crônicas de Paris”, boa parte delas reproduzidas no *Diário da Manhã*, de Lisboa, além de incontáveis “Correios de França”, que eram publicados sem assinatura.¹ Com a sua morte, Mariano Pina substituiu-o no cargo, de 1882 a 1886.

De Lisboa, vinham para o Rio as “Cartas Portuguesas” de Ramalho Ortigão, que havia já realizado, em 1878, o que hoje chamaríamos de “cobertura” da Exposição Universal de Paris, textos que depois integraram o volume *Notas de viagem*. Como correspondente em Lisboa, Ramalho assinou mais de quinhentas matérias na *Gazeta*, de 1879 a 1915 (com intervalos), sendo aproximadamente duzentas ainda inéditas em livro.²

¹ V. edição anotada de João Carlos Zan, “Guilherme de Azevedo na Gazeta de Notícias (1880-1882)”, Dissertação de Mestrado, USP, 1998.

² João Carlos Zan, em sua tese de doutoramento a ser apresentada na USP, já em adiantado estágio de elaboração, “Ramalho Ortigão e o Brasil”, faz o resgate dessa colaboração e trata das relações do autor com o Brasil.

A convite de Ferreira de Araújo (redator-chefe e co-proprietário da *Gazeta de Notícias*), Ramalho Ortigão visitou o Brasil em 1887, chegando ao Rio nos últimos dias de setembro. A vinda a São Paulo data de 3 de outubro, onde desembarcou na Estação do Norte para contatos e visitas, e onde o esperava o poeta Olavo Bilac, conforme dados registrados no jornal *A Província de S. Paulo* (hoje *O Estado de S. Paulo*). No Rio, participou da inauguração do Real Gabinete Português de Leitura, tendo sido o seu discurso reproduzido em órgãos de imprensa brasileiros. A visita de Ramalho já tem um caráter eminentemente institucional: Ramalho não é um mero viajante, mas um “visitante ilustre”, atuando como representante das letras portuguesas no Brasil. E nunca publicou um prometido livro sobre o Brasil.

Voltemo-nos agora para outro colaborador da *Gazeta de Notícias*, Jaime Batalha Reis, orador “cassado” das Conferências do Casino e que viria a escrever o lúcido prefácio das *Prosas Bárbaras* do amigo Eça. De 8 de fevereiro de 1892 até 18 de fevereiro de 1896, ali aparecem (com pseudônimos e, algumas vezes, sem assinatura) matérias de sua autoria no terreno das artes e especialmente da música, além daquelas que correspondem a uma visão da Inglaterra, de onde foi correspondente para o jornal do Rio (BATALHA REIS, 1889).

Aliás, foi da ilha de John Bull que estabeleceu a ponte com o Brasil, sempre pela via diplomática (Batalha foi cônsul em Londres de 14/5/1898 a 27/3/1911). Por meio desse canal, realizou contatos, fez amigos, teve oportunidade de obter livros e discutir autores, compartilhar impressões e inteirar-se de um “Brasil pensante e literário”, segundo suas próprias palavras. Foram os amigos brasileiros, com quem conviveu assiduamente durante quatro ou cinco anos, que lhe despertaram o interesse pelo nosso país e pela literatura brasileira. Em seu espólio, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontram-se os ecos da convivência com Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Tristão da Cunha, Magalhães de Azeredo, Aluísio de Azevedo, Cardoso de Oliveira e Manoel de Oliveira Lima, apreensíveis nas cartas trocadas entre eles e Jaime Batalha Reis³.

³ Tais cartas inéditas, por mim organizadas e anotadas, precedidas de estudo introdutório, serão publicadas pela Ateliê Editorial, São Paulo, no primeiro semestre de 2007.

Em 1904, nasceu seu projeto de apresentação e discussão, pela imprensa portuguesa, da literatura e da cultura brasileiras que denominou *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX* (BATALHA REIS, 1988). Na referida correspondência com os brasileiros vêem-se retomados, ampliados, tornados mais claros alguns aspectos do citado manuscrito, bem como se depreendem imagens diferenciadas dos amigos do Brasil. O seu “brasileiro típico” será dado relevante nas análises que fragmentariamente fez da gente e das coisas brasileiras. Nessa categoria íntegra, na medida mesma que a partir deles ela se constituiu, Graça Aranha, Cardoso de Oliveira, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco. O processo de recepção da literatura brasileira vê-se, assim, em Batalha Reis, centrado na questão da imagem que faz do país, do povo e da própria literatura nele produzida. É fator, portanto, que antecede, permeia e até mesmo direciona o diálogo crítico que estabelece com os textos de autores brasileiros.

Nessa trilha da imprensa periódica, que vimos examinando, Eça de Queirós, cuja obra, como é sabido, teve imensa repercussão entre nós, constituindo-se em fortíssimo elo nas nossas relações com a geração de 70, além de *A relíquia*, dos dois últimos capítulos de *Os Maias*, de algumas cartas de Fradique Mendes e de uns poucos contos, publicou, por meio das páginas da *Gazeta de Notícias*, 58 textos de imprensa completos, estampados em 116 números do jornal, de 1880 a 1897, ainda que com intervalos. De toda a sua produção jornalística, a mais representativa é, sem dúvida, a que aí se registra e que constitui o que se pode considerar a obra jornalística do autor, pensada e elaborada tendo em vista o público brasileiro, por meio de um mesmo e único veículo (QUEIRÓS, 2002).

Uma imagem do país e do brasileiro se inscreve, sem dúvida, nesses textos de imprensa. Mas é uma imagem esgarçada, fragmentária, pouco nítida, projetada por um olhar que nunca deixou de ser eminentemente eurocêntrico. Se é bem verdade que Eça acerbamente criticou as mazelas européias, quando se voltou especificamente para o Brasil, foi sempre contando com o interesse que este teria – *ou deveria ter* – no juízo europeu, numa avaliação “civilizada”, enfim (MINÉ, 2000: 31-42). Não nos esqueçamos da importância para a idéia de Brasil, em Eça, da convivência com nossos conterrâneos, que freqüentaram assiduamente a sua casa de Neuilly, o mais próximo de todos, Eduardo Prado.

Ao lado desse Brasil entrevistado de Eça e de Batalha Reis, poder-se-ia ainda considerar, alargando-se um pouco o leque, o Brasil dos viajantes-narradores, ou seja, aquele que se inscreve em livros resultantes de viagens feitas ao Brasil, como os de Lino de Assumpção e Mariano Pina, respectivamente: *Narrativas do Brasil* (1876-1880) e *Portugal e Brasil* (1896), produções textuais decorrentes de “experiências de Brasil” distintas.

Mariano Pina assinou o programa das Conferências do Casino e brevemente aqui esteve, mas Lino de Assumpção (Lisboa, 1844-1902), representante não canônico da geração de 1870, embora a ela ligado, viveu alguns anos no Brasil, chegando mesmo a casar-se com uma brasileira, com quem teve uma filha. Veio para cá ainda jovem, voltando depois a Portugal, onde foi secretário da Biblioteca Nacional e, posteriormente, inspetor das Bibliotecas e Arquivos. Como jornalista, além de ter colaborado em *O Dia* (Portugal), trabalhou na *Gazeta de Notícias*, de que foi depois correspondente em Lisboa. Foram estreitas as suas relações com Ferreira de Araújo, co-proprietário e redator-chefe daquele jornal carioca. A sua obra *Narrativas do Brasil* (1876-1881), fruto de suas observações e vivência nos tempos em que permaneceu no Brasil, foi publicada no Rio de Janeiro em 1881 (Livraria Contemporânea, de Faro & Lino). Desta cidade, merecem-lhe atenção a célebre Rua do Ouvidor, os contrastes violentos entre a beleza natural e os cortiços que proliferavam na cidade. Caracteriza-nos como imitadores passivos, que recebem da Europa modas e costumes, traço também observado e alvo de crítica de Eça de Queirós. A esse tipo de escrita de impressões, com apoio em descrições de tipos, lugares, junta-se a narrativa de casos que lhe pareceram curiosos, na corte ou no interior, fragmentos de memória, historietas curiosas de padres, farmacêuticos, e mesmo liras populares. Esse livro descosido lembra um painel executado por um pintor “naïf”, em cuja descontinuidade se podem ler traços que o autor considera como caracteristicamente brasileiros.

Passando-se agora para o “viajante-narrador” antes mencionado, Mariano Pina, tenha-se antes em conta que focalizá-lo é, de certo modo, encarnar e reunir, numa só figura, três pontos que são importantes para o exame das relações Brasil/Portugal no último quartel do século XIX: a consideração da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro como órgão que acolhe e irradia uma forte presença portuguesa na imprensa brasileira do século XIX, como procuramos vir mostrando; o fato de terem sido Paris e Londres pontos de en-

contro entre portugueses e brasileiros, sobretudo no último decênio do século XIX e primeiro do século XX; a criação de revistas ilustradas para circulação simultânea nos dois países, que abordaremos a seguir.

De fato, se Mariano Pina (1860-1899) destacou-se no jornalismo português, emprestando sua colaboração a várias publicações lisboetas (*Diário do Comércio*, *Diário da Manhã*, fundado por Pinheiro Chagas, *Diário Popular*, *Nacional*, *Correio Nacional*, *Espectro*), no nosso caso, interessam especialmente duas funções por ele desempenhadas no mundo da imprensa e que atestam sua relação com o Brasil: uma, já referida, a de correspondente em Paris da *Gazeta de Notícias*, do Rio, de 1882 a 1886, e outra, a de criador de *A Ilustração: revista de Portugal e do Brasil* (1884-1892).

A Ilustração, de que adiante nos ocuparemos, figura entre outras publicações periódicas que se produziram para distribuição simultânea em Portugal e no Brasil, veículos importantes de divulgação de matérias de autoria de escritores e intelectuais de ambos os lados do Atlântico, irmanados pela língua comum e freqüentemente unidos pelos laços de uma convivência amigável mantida na França ou mesmo, mais amplamente, na Europa (que repercutiu em cartas e outros documentos da época). Outras revistas do gênero a destacar seriam: *Dois Mundos* (1877-1881), de Salomão Saragga; *A Revista* (1893), dirigida por José Barbosa e Jorge Colaço; a *Revista Moderna* (1897), do brasileiro Manuel de Arruda Botelho.

A Ilustração: revista de Portugal e do Brasil teve largo âmbito de difusão, chegando a uma tiragem de 16 mil exemplares. Publicou-se quinzenalmente em Paris até 20 de outubro de 1890 e em Lisboa apenas na fase terminal (o último número é de 1º de janeiro de 1892).

O mapeamento das colaborações brasileiras na publicação revela uma presença quantitativamente diminuta, predominantemente constituída pela publicação de poemas, exceção feita a alguns contos de Domício da Gama (com quem Pina convivera em casa de Eça), Artur de Azevedo, Duque Estrada e Valentim Magalhães (de quem Mariano Pina se valeu para conseguir colaborações para a sua revista, e que em 1896 publicaria em Portugal, pela Parceria Pereira, o volume *A Literatura Brasileira*).

Dentre os poetas, Olavo Bilac vem de longe à frente, mas ali também figuram Luís Guimarães, Gonçalves Crespo, Luís Murat, Luís Delfino, Silvestre Lima.

Do ponto de vista da crítica a autores brasileiros, na seção “Crônica”, Mariano Pina focaliza a *Casa de pensão*, de Aluísio de Azevedo, para cujo enquadramento recorre a Eça e a Flaubert; Louis Ulbach, em 1887, assina um artigo de comentário geral a que intitula “A literatura no Brasil”. O discurso de Ramalho Ortigão por ocasião da inauguração do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro vem integralmente transcrito nas páginas da revista, bem como o artigo polêmico de Eduardo Prado, publicado na *Revista de Portugal* de Eça de Queirós, “Destinos políticos do Brasil”, que vem acompanhado de nota do editor, em que se lê: “Este curioso quadro da política brasileira, duma crítica tão fina, tão cerrada e ao mesmo tempo tão cheia de pitoresco, vai certamente levantar grande discussão na imprensa do Império, pela crueza da análise e pela frieza das observações. O que é porém indiscutível é que o sr. Eduardo Prado se nos revela como um crítico e como escritor de primeira ordem, manejando na perfeição a língua portuguesa, e encontrando nos bicos da sua pena observações e expressões que denotam um verdadeiro homem de letras”.

Eça de Queirós, anos depois, em 1898, na *Revista Moderna*, em belíssimo artigo, procurou contemporizar a veemência dos ataques de Prado, explicando-os pelo “amor ao passado”, pelo “medo de desaparecimento do velho Brasil”.

É de notar que o número seguinte de *A Ilustração* (5 de dezembro) traz em primeira página retratos de Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa, com a legenda: “A República dos Estados Unidos do Brasil”, e que constam, do editorial, considerações sobre a repercussão, em Portugal, da Proclamação da República Brasileira. Transcrevem-se, no mesmo número, extratos dos principais artigos publicados na imprensa portuguesa sobre tal fato (*Novidades, Correio da Manhã, O Dia, Tempo, O Século*).

Quinze dias depois, a 20 de dezembro, a página 1 traz uma gravura do Rio, com a legenda “A estátua de D. Pedro I, na Praça da Constituição”, retratos da família imperial brasileira e pormenorizada notícia de sua chegada a Portugal depois do 15 de Novembro. Evidencia-se, assim, a posição da revista diante dos acontecimentos políticos brasileiros de modo bastante claro.

Focalizando-se a publicação de um outro ângulo, pode-se dizer que *A Ilustração* instaura, de modo geral, a França como referente privilegiado, de onde, com freqüência, os comentários relativos a Portugal se reportarem a esse país como modelo no campo da cultura.

Ora, foi como jornalista, encerrada *A Ilustração* e já totalmente desvinculado da *Gazeta de Notícias*, que Mariano Pina veio ao Brasil, dessa visita decorrendo o seu *Portugal e Brasil* (Lisboa, Antiga Casa Bertrand – José Bastos, 1896). Na carta que lhe serve de prefácio afiança que o livro, como muitos do mesmo gênero que “saem dos prelos franceses, ingleses ou alemães”, não será “um frio e circumspecto relatório, atulhado de algarismos e quadros estatísticos”, que ninguém de certo leria.

A imagem de Brasil que no volume se constrói é a de um país, na verdade, alvo de disputa. Portugal aí comparece, ou como uma nação mergulhada na inércia econômica, política e cultural, ou como detentora de condições para enfrentar a guerra comercial, como o eram a Inglaterra, a França, a Alemanha, as três, ora positiva, ora negativamente apresentadas.

Para terminar este nosso percurso, algumas breves considerações a partir de um outro ângulo: o da recepção da obra de Eça no Brasil. Além da importante presença do autor no jornalismo brasileiro, foi grande e muitas vezes estrepitoso o impacto produzido por seus romances, especialmente *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*. Incomparável a devoção que aqui granjeou, como registram e descrevem, mais especificamente, Clóvis Ramallete e Arnaldo Faro e a que recentemente Antonio Candido também aludiu em “Eça de Queirós, passado e presente”, constante do volume *Ecos do Brasil; Leituras portuguesas e brasileiras*, organizado por Benjamin Abdala Junior. Mais ainda, uma verdadeira “ecite” se tornou “endêmica” no Brasil. Para ela chamou atenção Fidelino de Figueiredo, afirmando que “o ecismo ou eçolatria não se reduziu ao limitado campo das letras e dos intelectuais”, tendo sido “uma força poderosa na formação moral da gente nova, uma concepção de vida”. Teria delineado “caracteres” e dado “modelos para muitas atitudes”. Monteiro Lobato, em carta constante de *A barca de Gleyre*, não concita o amigo Godofredo Rangel a com ele *zefernandiar jacinticamente*, em alusão direta às duas personagens de *A cidade e as serras*.

Ainda hoje, embora se manifestando de outras formas (lê-se, cita-se, mas já não se decora Eça, por exemplo, como lembra Antonio Candido), não se desvaneceram os sinais de sua presença no Brasil, singularmente viva até as décadas de 30, 40 do século passado, segundo Viana Moog e os autores já citados, entre outros. Basta conferir com os leitores de Carlos Heitor Cony, na página 2 da *Folha de S. Paulo*, as inúmeras vezes em que Eça e suas personagens são evocados.

Num último recorte, que corresponde a um salto no tempo, volto minha atenção para os suplementos literários que surgiram em vários dos grandes jornais diários brasileiros, nos anos 50 e 60 do século XX – anos esses em que a produção cultural entre nós é digna de nota –, selecionando dois deles para um rápido percurso: o Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* (1956-1974) e o Suplemento Literário do *Minas Gerais* (1966-1998) (MINÉ, 2005: 213-24).

O primeiro deles, idealizado por Antonio Candido⁴ e dirigido durante dez anos por Décio de Almeida Prado (1956-1966), e de 1966 até o fim, em 1974, por Nilo Scalzo, caracterizou-se como uma publicação artística e literária, não jornalística, ainda que inserida num jornal, gozando de independência e autonomia. Alinhava-se à tradição da crítica reflexiva e formativa, visando à divulgação de autores novos e dos já consagrados. A focalização da literatura portuguesa não constituiu uma prioridade nessa publicação, e os artigos sobre Eça adotam, geralmente, uma perspectiva comparatista, aproximando-o de escritores brasileiros, como é o caso, por exemplo, das aproximações feitas com Coelho Neto ou com *Bangüê*, de José Lins do Rego, e também com *A mulata*, do português Carlos Malheiro Dias (textos de Soares Amora e Gama Melo). João Gaspar Simões, examinando a decantada crítica de Machado de Assis a Eça de Queirós, atribui superior senso crítico ao brasileiro. Tendo em conta o levantamento feito, não se pode dizer que Eça tenha tido uma presença marcante nas páginas dessa publicação paulistana.

O segundo mencionado, o Suplemento Literário do *Minas Gerais*⁵, desempenhou também papel de grande importância numa difusão cultural mais ampla, perdurando por quase trinta anos e publicando o que havia de mais respeitável na crítica nacional e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para os mais novos. No que tange à literatura portuguesa, nota-se a presença não só de um número expressivo de artigos de crítica, como também se inserem, em suas páginas, colaborações de vários escritores portugueses (poetas e ficcionistas).

⁴ O projeto encontra-se reproduzido na dissertação de mestrado de Elizabeth de Souza Lorenzotti: “Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um suplemento. Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* (1956-1974)”, defendida na ECA/USP, em 2002.

⁵ Agradeço a Rosângela Costa, da Biblioteca da UFMG, a valiosa colaboração para obtenção de dados relativos a essa publicação.

Das trinta matérias sobre Eça de Queirós ali publicadas, sete se voltam para *O primo Basílio*, cujo centenário de publicação, em 1978, motivou a edição de um número especial. Como no caso do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, vários artigos se desenvolvem numa perspectiva comparatista com autores das literaturas brasileira (Machado, Alencar, Jorge Amado, Graciliano), francesa (Flaubert) e inglesa (G. Eliot) e mesmo portuguesa (Camilo Castelo Branco).

Muitos artigos sobretudo dizem respeito à análise de aspectos estruturais da narrativa, tanto nos romances quanto nos contos analisados: *A cidade e as serras*, *O crime do Padre Amaro*, “José Matias”. Já *O mandarim* e *A relíquia* são vistos do ângulo do fantástico. Eça como correspondente de imprensa também foi abordado.

A crítica brasileira de *O primo Basílio* foi objeto de um excelente exame de Wilton Cardoso, em que focaliza a crítica de Machado de Assis ao romance e a permanência dessa mesma crítica em estudos posteriores. O artigo é de 1978.

Os textos sobre Eça constantes do Suplemento Literário do *Minas Gerais* formam, em seu conjunto, uma contribuição importante para a sua fortuna crítica no Brasil.

Como um dado suplementar, numa sondagem que realizei (2003) acerca da presença de Eça na universidade brasileira, constatou-se que, desde a instalação dos cursos de pós-graduação, até 2003, dos 37 programas de Letras vigentes no país, em nove deles houve trabalhos de grau sobre o autor, sendo duas teses de livre-docência, 12 doutoramentos e 27 dissertações de mestrado.

O que se pode observar, em primeira instância – e é importante –, é que, à medida que o tempo passa e que se multiplicam os cursos de pós-graduação no Brasil, vai gradativamente crescendo o número de trabalhos de grau sobre Eça. Se na década de 1970 apenas um doutoramento se registrou, nos anos 1980 foram três, e de 2000 a 2003, já seis tinham sido defendidos. No que diz respeito a mestrados, 14 foram apresentados na década de 1990 e 6 nos poucos anos da década em curso.

Nessas teses e dissertações, entre as obras mais freqüentemente focalizadas, excluídas as 18 que se voltam para duas ou mais delas, por ordem decrescente, em abordagens unidirecionadas, vão aparecer: *A ilustre casa de Ramires*, *O primo Basílio*, *Lendas dos santos* e *A cidade e as serras*: 3; *Os Maias* e *os contos*: 2; e depois, constituindo objeto de um só trabalho, tese ou disserta-

ção: *Crônicas de Londres e Cartas de Inglaterra, Uma campanha alegre, A tragédia da Rua das Flores, O crime do padre Amaro e A correspondência de Fradique Mendes.*

Tendo em vista que a literatura portuguesa sofreu uma diminuição sensível de carga horária em grande parte dos cursos de letras no Brasil (o que explica, também, a exclusão de autores portugueses em muitos vestibulares), creio que esses trabalhos de grau apresentados e defendidos constituem prova relevante de uma presença marcante de Eça de Queirós na universidade brasileira.

Seria interessante ampliar esta sondagem, levantando-se também dados relativos aos principais integrantes dessa brilhante constelação em que a geração de 1870 se constituiu. Teríamos, assim, novos ângulos e percursos no exame das suas relações com o Brasil.

Referências Bibliográficas

BATALHA REIS, Jaime. *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX.*

Org., prefácio e notas de Elza Miné. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

_____. *Revista inglesa.* Org., prefácio e notas de Maria José Marinho. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Biblioteca Nacional, 1889.

MINÉ, Elza. “A recepção de Eça de Queirós no Brasil”. *Eça & Machado.* Conferências e textos das mesas redondas do Simpósio Internacional Eça & Machado, set. 2003. Org. Beatriz Berrini, apres. Antonio Candido. São Paulo: Educ, Fapesp, Fundação Gulbenkian, 2005.

_____. “Imagens finisseculares do Novo Mundo no jornalismo de Eça de Queirós”. Congresso de Estudos Queirosianos; IV Encontro Internacional de Queirosianos, 6-8 set. 2000. Actas. Coimbra: Almedina.

QUEIRÓS, Eça de. *Textos de Imprensa IV* (da Gazeta de Notícias). Edição crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.